

Uma proposta inédita na história da renegociação

REGIS NESTROVSKI

Especial para O GLOBO

NOVA YORK — A proposta brasileira é inédita na história da renegociação das dívidas externas na América Latina, e o Brasil terá que "exportar mais e reclamar menos" para pagar os US\$ 8,5 bilhões (ou US\$ 10,5 bilhões) do serviço da dívida em 1984, disse ontem um dos banqueiros envolvidos no assessoramento da dívida externa brasileira.

— O período de carência de cinco anos, quando seriam pagos apenas os juros, e o pagamento posterior das amortizações são concessões por parte da comunidade bancária

ao Brasil. As concessões nas taxas de juros significarão uma redução no **spread** cobrado nos empréstimos — disse a fonte bancária, que não quis adiantar de quanto será a queda no **spread** (taxa de risco).

A mesma fonte revelou que o serviço da dívida girará em torno de US\$ 8,5 bilhões a US\$ 10,5 bilhões anuais a partir de 1984. Indagado sobre como o Brasil conseguirá pagar, o banqueiro respondeu: "exportando mais e reclamando menos".

— Os países da Ásia como a Coreia do Sul exportam entre 33 por cento e 57 por cento do Produto Nacional Bruto, enquanto o Brasil exporta apenas 8 por cento — comentou.

Rhodes acompanha Pastore

O Citibank anunciou que Rhodes acompanhará Pastore em sua viagem a capitais européias e a Tóquio para ajudar na obtenção de novos recursos pelo Brasil. Pastore se encontra hoje com o Diretor-Gerente do FMI, Jacques de Larosière, e com o comitê de assessoramento em Washington. Amanhã o Presidente do Banco Central deverá estar em Nova York para contatos com banqueiros.

Fontes bancárias nova-iorquinas criticaram também a pequena ajuda da Europa e do Japão no processo de renegociação da dívida brasileira e esperam que estes participem com pelo menos US\$ 1 bilhão dos US\$ 11,2 bilhões acertados com o Fundo Monetário em Washington em setembro. No entanto, a melhor reação à proposta divulgada por Delfim Netto foi a do Chemical Bank, um dos credores: "É um sinal positivo."